

CAMPOS, Gabriela I. R. V.. O desenvolvimento econômico em países em desenvolvimento: estruturalismo na América Latina. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, Ilhéus, n. 2, p. 55 – 65, nov. 2013.

O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO EM PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO: ESTRUTURALISMO NA AMÉRICA LATINA

Gabriela Isa Rosendo Vieira Campos*

Resumo: O artigo tem como objetivo apresentar o estruturalismo, teoria desenvolvida na América Latina por economistas da CEPAL, a partir de uma abordagem exploratória da literatura mais relevante. O texto intenta mostrar as principais noções da teoria, que explica o subdesenvolvimento na América Latina a partir de uma argumentação diversa da liberalista. Apresenta seus pontos fundamentais, assim como as críticas mais comumente feitas ao paradigma do estruturalismo. O artigo conclui com a apresentação das principais contribuições do estruturalismo para o pensamento econômico, que são: mostrar quais as dificuldades da produção de bens intensivos em tecnologia, aliar a interpretação econômica ao âmbito social e incluir mais o protecionismo nos modelos simplificados das teorias econômicas.

Palavras-chave: Estruturalismo. Desenvolvimento. América Latina.

Abstract: The article aims to present the structuralism, theory developed in Latin America by economists of CEPAL, through an explanatory approach of the most relevant works in the literature. The text's goal is to show the main notions of the theory that explains the underdevelopment in Latin America through a diverse set of arguments which differ from the liberal theory. It presents its main topics, as well as the most common critics made to the structuralism paradigm. The article concludes with the presentation of the key contributions of the theory for the economic thinking, which are: to show the difficulties in producing technology-intensive goods, to ally the economic interpretation with the social sphere and to include more protectionism in the simplified models of economic theories.

Keywords: Structuralism. Development. Latin America.

Introdução

Dentre as inúmeras teorias que buscam explicar a organização econômica do cenário internacional, o estruturalismo é, talvez, uma das mais interessantes, tanto pela sua originalidade em comparação às explicações liberais mais aceitas, quanto pelo seu desenvolvimento autônomo, fruto do pensamento intelectual latino-americano.

Além do estruturalismo, que apresenta o subdesenvolvimento como um problema estrutural dos países pobres, a teoria da dependência também marcou o cenário intelectual da América Latina. Tais teorias não adotaram um viés econômico clássico, mas analisavam, de forma geral, os países pobres como sujeitos sempre à desigualdade social e ao

CAMPOS, Gabriela I. R. V.. O desenvolvimento econômico em países em desenvolvimento: estruturalismo na América Latina. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, Ilhéus, n. 2, p. 55 – 65, nov. 2013.

subdesenvolvimento. Na década de 50, essas teorias atingiram um destaque não antes visto por seus teóricos, com a obra de W.W. Rostov¹.

Apesar da visibilidade, logo tiveram que rever alguns de seus conceitos e noções mais rígidas devido ao desenvolvimento de alguns países pobres, tendo, a partir daí, uma real consolidação e aperfeiçoamento das teorias estruturalista e da dependência.

Neste artigo considerar-se-á as publicações da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) sobre o desenvolvimento dos países pobres, abrangendo as análises de autores que melhor exemplificam a argumentação estruturalista em suas características principais, como Raúl Prebisch e Celso Furtado.

O artigo tem como objetivo a apresentação, de forma introdutória e simplificada, do estruturalismo cepalino, de forma intercalada com críticas de teor liberal. Intenta-se, à medida do possível, apresentar as principais colocações estruturalistas de maneira mais crítica, sem, contudo, perder o foco no objetivo do artigo: a explanação propedêutica associada às críticas mais comuns da literatura.

Considera-se que as teorias do subdesenvolvimento, mais especificamente, o estruturalismo, são bastante diversas entre si, tornando difícil o estudo sistemático de diferentes autores. Há, entretanto, pontos centrais que geralmente são postos nessas análises, como a desigualdade intrínseca do sistema centro-periferia², causada pelo processo histórico do capitalismo. São esses pontos que serão discutidos no artigo.

Interessante notar que enquanto o liberalismo argumenta que uma economia interdependente ajuda os países mais pobres a se desenvolverem, pois o capitalismo precisa mudar seu *locus* de produção das mercadorias e buscar novos mercados consumidores constantemente, as teorias da dependência e do estruturalismo sustentam que quanto maior forem as trocas comerciais entre os países pobres e ricos, mais difícil será romper com a

* Aluna de graduação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, matriculada no curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais e no curso de Direito do Centro Universitário de João Pessoa - UNJPE. Bolsista extensionista do Programa de Apoio ao Ensino de Línguas Estrangeiras no Ensino Fundamental e Médio da Universidade Federal da Paraíba. *Currículo Lattes*: <http://lattes.cnpq.br/1213925958457135>. E-mail: gabrielarvcampos@hotmail.com

¹(SANTOS, 1997, p. 4-5).

²(RODRÍGUEZ, 2009, p. 54).

CAMPOS, Gabriela I. R. V.. O desenvolvimento econômico em países em desenvolvimento: estruturalismo na América Latina. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, Ilhéus, n. 2, p. 55 – 65, nov. 2013.

barreira do subdesenvolvimento³. Neste caso, mesmo que o desenvolvimento ocorra, será dependente dos países desenvolvidos e, portanto, condicionado. A única solução para os países da periferia é o progresso técnico, que tem a capacidade de elevar o nível social das massas.

O artigo analisa o tema através de uma abordagem exploratória, que se alinhará melhor com o nosso objetivo de explicar os principais pontos da teoria e de criticar alguns argumentos usados pelos seus teóricos, para que o leitor tenha uma visão mais completa e, ao mesmo tempo, ampla sobre o tema.

O artigo é dividido em partes compostas pela apresentação da teoria, explanação de seus pontos fundamentais, demonstração da industrialização pensada por seus teóricos, além de algumas críticas mais comuns ao pensamento cepalino. O artigo conclui com as principais contribuições do estruturalismo para o pensamento econômico.

Teoria cepalina

Para a compreensão do que é o subdesenvolvimento dos países da América Latina, deve-se conceituar o desenvolvimento para um de seus principais teóricos, Raúl Prebisch. O economista argentino afirma que o desenvolvimento não ocorre somente através de maior produtividade e de aperfeiçoamento tecnológico, ou seja, através de maior eficiência nos fatores produtivos, mas do bem-estar das massas⁴. Ainda, para Furtado (1978, p. 130), o desenvolvimento ocorreria pela transformação das estruturas sociais⁵.

O desenvolvimento, para os teóricos do estruturalismo, ocorre, portanto, aliado a um viés mais social, o que diverge da noção clássica do liberalismo, na qual o desenvolvimento e especialização dos fatores de produção ocorrem primeiro para que, em seguida, a equalização

³ (GILPIN, 2002, p. 293).

⁴ Em (Prebisch, 1986, p. 481): *...es necesario definir con precisión el objeto que se persigue mediante la industrialización. Si se considera como el medio de llegar a un ideal de autarquía, em el cual las consideraciones económicas pasan a segundo plano, sería admisible cualquier industria que substituya importaciones. Pero si el propósito consiste em aumentar lo que se há llamado con justeza el bienestar measurable de las masas, hay que tener presentes los límites más allá de los cuales una industrialización podría significar merma de productividad.*

⁵ (FURTADO, 1978, p. 130).

CAMPOS, Gabriela I. R. V.. O desenvolvimento econômico em países em desenvolvimento: estruturalismo na América Latina. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, Ilhéus, n. 2, p. 55 – 65, nov. 2013.

dos preços dos fatores produtivos⁶ aumente relativamente a renda e bem-estar dos nacionais dos países que realizam o comércio internacional. O estruturalismo não compreende o desenvolvimento econômico como um causador do bem-estar da população, pois o desenvolvimento somente ocorre através da satisfação das massas, e não é, portanto, uma consequência de bons resultados econômicos.

Para os economistas clássicos, os países são subdesenvolvidos devido à integração econômica imperfeita e às políticas governamentais inapropriadas, ou seja, porque seus governos são ineficientes e não conseguem aproveitar as oportunidades de desenvolvimento⁷. O desenvolvimento tecnológico, para os clássicos, não pode ser visto dissociado do comércio internacional, pois é através dele que os países podem suprir sua falta de especialização em alguns bens e aumentar o excedente de consumo dos habitantes, tendo efeitos positivos no bem-estar de todos, já que o comércio internacional é entendido como uma troca dos fatores produtivos.

Os teóricos do estruturalismo e da teoria da dependência buscaram, entretanto, uma nova base para o problema do desenvolvimento nos países pobres ao afirmarem que o liberalismo não pode sanar o problema do subdesenvolvimento, ao contrário, somente tende a deixar as economias nacionais mais vulneráveis ao mercado internacional, na medida em que necessitarão, cada vez mais, de capital e de incentivos fornecidos pelas grandes potências.

O desenvolvimento concebido pelos estruturalistas ocorreria através do fechamento da economia nacional para outros países. Caberia a cada país, então, suprir suas necessidades de consumo de forma autônoma, através do processo de substituição das importações. O isolamento faria com que os países se desenvolvessem de maneira menos vulnerável, com claras consequências políticas no âmbito internacional.

O mercado internacional, segundo essas teorias, seria controlado pelas grandes potências hegemônicas, que atuam através de suas empresas multinacionais. Estas, apesar de se difundirem no mundo, não tentam desenvolvê-lo, mas usufruir da mão de obra barata dos países pobres e das isenções fiscais.

⁶ Teoria Heckscher-Ohlin, utilizada até hoje para explicar as relações de comércio.

⁷(GILPIN, 2002, p. 297).

CAMPOS, Gabriela I. R. V.. O desenvolvimento econômico em países em desenvolvimento: estruturalismo na América Latina. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, Ilhéus, n. 2, p. 55 – 65, nov. 2013.

A vinda de empresas transnacionais para países subdesenvolvidos não é benéfica, para os teóricos do estruturalismo, já que as empresas remetem os lucros para suas matrizes e têm privilégios que as empresas nacionais não possuem, destruindo-as, assim como prejudicando o desenvolvimento tecnológico e, portanto, a autonomia dos países. Tal visão é bastante retrógrada, pois as empresas, atualmente, já não têm capital fixo de um determinado país. A flexibilidade e transnacionalidade são extremamente positivas para as empresas, impedindo, assim, o isolamento de uma empresa de acordo com a mera vontade de um determinado país. As empresas tentam, hoje, maximizar o contato com vários Estados, com a intenção de obter um processo produtivo mais barato, eficiente e atender a consumidores de todo o mundo, não se limitando à política nacional de nenhum país específico.

As empresas multinacionais são vistas pelos liberais como fonte de capital e de tecnologia necessárias para o desenvolvimento econômico. O investimento estrangeiro direto proporcionado pelas multinacionais promove, segundo os seus principais defensores, externalidades positivas à economia nacional, como o treinamento da força de trabalho e transferência de tecnologia.⁸

Para estruturalistas, ainda, a América Latina é representada como estagnada economicamente, já que sua principal pauta (produtos primários) têm preços decrescentes, pois não necessitam de muita tecnologia, somente de mão de obra intensiva. Os países periféricos, então, além da desvantagem do *capitalismo tardio*, ou seja, de ter que se desenvolver de acordo com condições históricas específicas, em uma estrutura pré-existente, teriam uma deterioração crescente dos termos de troca.

O desenvolvimento não viria através do aumento das exportações primárias, mas de inovações tecnológicas, que têm um *spill-over* maior nas economias nacionais, sendo, portanto, mais dinâmicas e lucrativas. Os teóricos da corrente afirmam que a especialização na produção agrícola é prejudicial aos países pobres.

A desigualdade de renda entre as economias do Norte e Sul fizeram com que teorias apresentassem o Sul como impedido de se desenvolver enquanto continuasse a realizar trocas comerciais não vantajosas com os países desenvolvidos. A chave para o desenvolvimento

⁸(GILPIN, 2004, p. 234-237).

CAMPOS, Gabriela I. R. V.. O desenvolvimento econômico em países em desenvolvimento: estruturalismo na América Latina. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, Ilhéus, n. 2, p. 55 – 65, nov. 2013.

seria a autonomia tecnológica, e não a interdependência econômica, vista de forma positiva pelos liberais.

Importante mencionar que, ao se contrapor à teoria das vantagens comparativas, muitos teóricos do estruturalismo envolviam outras variáveis para explicar suas teorias, como Celso Furtado, por exemplo, que afirmava que a relação de dependência estaria relacionada com as classes dominantes locais e internacionais⁹.

Pontos fundamentais da teoria estruturalista

O estruturalismo argumenta que o desenvolvimento tecnológico dos países ricos se apoiou no subdesenvolvimento dos países pobres¹⁰. A dependência desses países é, portanto, uma consequência da divisão internacional do trabalho, que separa o mundo entre as economias dinâmicas e produtivas tecnologicamente e a periferia.

Os países desenvolvidos poderiam mudar a situação dos países pobres a partir do repasse de tecnologia, mas não têm interesse em mudanças, já que com o monopólio das tecnologias, mantêm o controle sobre o sistema internacional. As assimetrias tecnológicas e organizacionais e a estrutura do sistema internacional somente perpetuariam o subdesenvolvimento.

O desenvolvimento e o subdesenvolvimento são, então, na análise estruturalista, frutos de um mesmo processo histórico-estrutural, que separa o cenário econômico em dois eixos que têm características estruturais diversas entre si: o Norte, desenvolvido e o Sul, condenado ao subdesenvolvimento. Dentre os elementos acusados de perpetrar a estrutura negativa do plano internacional, as multinacionais tem ganhado mais destaque.

As empresas multinacionais têm um papel importante na teoria estruturalista. Tais empresas exercem um papel político cada vez maior que o de muitos Estados, e são consideradas um instrumento utilizado pelas potências hegemônicas para concentrar e obter mais poder econômico e político.

⁹(FURTADO, 1985, p. 22).

¹⁰(GILPIN, 2002, p. 301).

CAMPOS, Gabriela I. R. V.. O desenvolvimento econômico em países em desenvolvimento: estruturalismo na América Latina. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, Ilhéus, n. 2, p. 55 – 65, nov. 2013.

Um exemplo de situação na qual as empresas multinacionais foram consideradas instrumentos de potências, foi no Chile, em 1971. No episódio, empresas multinacionais norte-americanas foram responsabilizadas pela queda de Salvador Allende¹¹.

À medida que as empresas multinacionais se expandem, ganham fatias maiores do mercado e pulverizam suas cadeias produtivas, para maior lucro. Essa expansão as leva a uma menor vulnerabilidade no setor econômico, atendendo, inclusive a vários níveis de renda.

Sempre que possível, portanto, as empresas multinacionais buscam ampliar seu rol de produtos comercializados, de forma a exercer seu poder para ganhar mais concessões dos Estados, o que é visto negativamente para os estruturalistas, que afirmam que o Estado deve aumentar ao invés de empresas multi ou transnacionais.

Ainda, contrariamente aos liberais, que defendem a especialização, os teóricos do estruturalismo, a exemplo dos marxistas, como Lênin, já preconizavam a importância cada vez maior dos conglomerados industriais¹² e de sua união com o capital financeiro¹³.

Uma parte importante da teoria estruturalista defende que, além de instrumento das potências hegemônicas, as empresas multinacionais colaboram com a manutenção do subdesenvolvimento, já que somente utilizam-se da mão de obra (barata) e de outras facilidades do Terceiro Mundo e enviam seus lucros para as matrizes, seguindo sempre as decisões tomadas pelas suas holdings.

Industrialização pensada pelos estruturalistas

Há três maneiras de construção de um modo de produção capitalista: o caminho clássico, o prussiano e o colonial¹⁴. O desenvolvimento latino-americano ocorreu de forma diversa do desenvolvimento clássico por inúmeras razões, sendo a mais clara oposição dos

¹¹(STRANGE, 1996, p. 50).

¹²(LÊNIN, 1916, p. 06).

¹³(LÊNIN, 1916, p. 14-15).

¹⁴(REGO et al, 2008, p. 04).

CAMPOS, Gabriela I. R. V.. O desenvolvimento econômico em países em desenvolvimento: estruturalismo na América Latina. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, Ilhéus, n. 2, p. 55 – 65, nov. 2013.

países latino-americanos como já atrasados tecnológica e organizacionalmente com relação aos outros países, devido à sua condição histórica peculiar.

A industrialização dos países latino-americanos tomou a forma de um processo de substituição de importações, na qual alguns produtos comumente importados foram substituídos por mercadorias produzidas internamente.

Tal modelo de industrialização por substituição de importações ficou aquém do esperado, mesmo com os grandes incentivos oferecidos, pois a industrialização produziu um excesso de empresas de baixa produtividade e, as atividades que mais tiveram destaque foram áreas tradicionais nas quais os países já tinham vantagens comparativas.¹⁵ Sem competição para as empresas que receberam incentivo o governo, não se conseguiu atingir a eficiência e nível de competitividade almejado.

Ao se industrializarem, os países da América Latina encontravam-se em um cenário internacional com relações de comércio bem estabelecidas, no qual determinados países vendiam produtos de melhor qualidade por um preço mais baixo que os produzidos pelos países subdesenvolvidos, ou seja, havia uma série de relações estruturais diversas das que os países desenvolvidos encontraram quando iniciaram seu desenvolvimento. Tais características acabaram prejudicando os países que não possuem produtos intensivos em tecnologia, pois não vão obter uma margem de lucro satisfatória.

Embora os países de desenvolvimento tardio do século XX gozassem das chamadas vantagens do atraso, as quais lhes permitiam aprender com seus erros, os países de ‘desenvolvimento muito tardio’ do século XX pareciam enfrentar obstáculos insuperáveis, como o hiato tecnológico crescente e a sua longa experiência de marginalização, a falta de disciplina social, as estruturas sociais conservadoras, os problemas demográficos herdados e as condições climáticas e geográficas difíceis.
(GILPIN, 2002, p. 303).

Os estruturalistas afirmam que o progresso tecnológico é a fonte do desenvolvimento. Neste sentido, o desenvolvimento ocorreria se já houvesse uma base industrial significativa, assim como outras condições, a exemplo de um mercado que permitisse a diversificação de produtos¹⁶.

¹⁵ (RODRIK, 2002, p. 285).

¹⁶ (FURTADO, 1978, p. 132).

CAMPOS, Gabriela I. R. V.. O desenvolvimento econômico em países em desenvolvimento: estruturalismo na América Latina. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, Ilhéus, n. 2, p. 55 – 65, nov. 2013.

Uma das principais mudanças estruturais sugeridas pelos teóricos da corrente para a industrialização das periferias era a criação de empresas nacionais. Essas empresas, inicialmente de um nível pequeno, passariam por constantes avanços tecnológicos e por uma melhora de produtividade gradual e, aliadas a um certo grau de protecionismo teriam a capacidade de desenvolver a economia nacional.

A solução para o problema do desenvolvimento dependente ou subdesenvolvimento nos países do Terceiro Mundo seria a substituição de mercadorias importadas por produtos feitos no próprio país, pois mesmo que os preços desses produtos fossem mais caros, a economia nacional teria um incentivo ao desenvolvimento e à inovação tecnológica, acarretando, em longo prazo, na redução dos preços¹⁷.

Críticas ao estruturalismo

As críticas ao estruturalismo se relacionam com os pontos chave da teoria, como à *culpabilização* do subdesenvolvimento atribuída aos países ricos e à estrutura do sistema econômico internacional.

Os críticos à teoria estruturalista afirmam que cabe somente aos próprios países se industrializarem e, com a devida abertura comercial é possível fazê-lo. Ademais, o protecionismo excessivo pode acarretar em falta de competitividade e acabar sendo mais prejudicial à economia nacional do que liberalizá-la.

O *isolacionismo* dos países subdesenvolvidos somente poderia piorar a situação de baixo desenvolvimento em produtos com tecnologia intensiva, já que não ocorreria a troca de informações com outros países, o que dificultaria a eficiência nas cadeias produtivas. As consequências políticas do *isolacionismo* são especialmente prejudiciais, pois se um país não possui parceiros comerciais não tem nenhum papel político significativo, já que seu poder de barganha é baixo.

Em um mundo com relações transnacionais, é certo que não se pode isolar em nenhuma esfera, tanto política, quanto social, jurídica ou econômica, sendo tal sugestão

⁸(FURTADO, 1978, p. 12-14).

CAMPOS, Gabriela I. R. V.. O desenvolvimento econômico em países em desenvolvimento: estruturalismo na América Latina. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, Ilhéus, n. 2, p. 55 – 65, nov. 2013.

ultrapassada devido às claras vantagens de uma maior troca de informações por diferentes países, que já não mantêm o modelo tradicional pós-Westifaliano de Estado e de soberania.

As relações hodiernas já estão mais fluídas, assim como as comunicações e outras formas de desenvolvimento tecnológico, e os países pobres devem se aproveitar dessas novas maneiras de trocas de posicionamentos sobre temas econômicos, jurídicos, entre outros. A globalização tem tido efeitos extremamente positivos para os habitantes de países pobres, já que estes têm a oportunidade de se incluírem em novas propostas de desenvolvimento, não fazendo sentido, portanto, o isolamento.

Uma crítica constante aos estruturalistas se refere ao principal ponto que caracteriza as relações centro-periferia, a deterioração dos termos de troca dos países subdesenvolvidos.

Atualmente, tem-se o consenso de que os produtos agrícolas não tendem somente a diminuir, pelo contrário, com países como a China, que importam cada vez mais matérias-primas, tornando-as mais caras e exportam muitos produtos industrializados com uma moeda desvalorizada, a tendência é a oposta, ou seja, que as commodities tenham um preço maior e os produtos industrializados, um preço menor¹⁸.

Outra questão de significativa importância no que tange à produção de bens agrícolas relaciona-se com a questão de segurança alimentar e soberania nacional, que não foi suficientemente abordada pelos estruturalistas.

A produção de alimentos é imprescindível para todas as economias, pois nenhum país quer tornar-se totalmente dependente de outro em alimentos, já que tal situação é desvantajosa e diminui seu poder político. Segurança alimentar é uma questão imprescindível para a soberania de uma nação, tanto é que atualmente muitas nações industrializadas mantêm subsídios para alimentos, mesmo com prejuízos econômicos, devido à importância da produção de tais insumos.

Conclusão

¹⁸ (RODRÍGUEZ, 2009, p. 20).

CAMPOS, Gabriela I. R. V.. O desenvolvimento econômico em países em desenvolvimento: estruturalismo na América Latina. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, Ilhéus, n. 2, p. 55 – 65, nov. 2013.

As teorias que tentaram explicar o subdesenvolvimento da América Latina trouxeram novas considerações para as análises econômicas, principalmente no que se refere à inclusão de abordagens mais históricas e sociais, mesmo em pesquisas mais conservadoras.

Dentre os méritos do estruturalismo, os mais importantes são: apresentar as dificuldades do mercado econômico no que tange ao desenvolvimento de novas tecnologias por países pobres; e mostrar que a abordagem econômica deve ser feita associada às considerações sociais ou mesmo políticas¹⁹.

As críticas ao modelo liberalista, acusado de dar pouca atenção ao papel do protecionismo nos modelos econômicos, também foram bastante relevantes, já que tais modelos apresentam uma visão parcial e não correspondem à realidade do mercado, pois muitos países desenvolvidos utilizam mecanismos que impedem o livre-comércio.

As análises econômicas que consideram esses novos vieses são bastante interessantes, pois, ao se contraporem ao liberalismo econômico, trouxeram pontos diferentes e, ao mesmo tempo, condizentes até certo ponto com a situação econômica dos países subdesenvolvidos e desenvolvidos, analisados como fruto de um mesmo processo histórico-econômico.

Entretanto, observações devem ser feitas, pois há algumas questões do estruturalismo ainda dúbias e confusas na literatura, além de lacunas na teoria. Um dos pontos mais criticados da teoria é o evidente reducionismo das relações entre os países, que são tratados a partir de dois eixos principais, quando há claras posições medianas que podem ser adotadas para explanação da situação econômica de um país, que pode ser mais desenvolvido economicamente em uma área e menos em outra. Os países englobados no mesmo eixo, principalmente os subdesenvolvidos, têm condições econômicas e históricas extremamente diferentes.

Tal constatação pode ser mais facilmente entendida a partir da observação das últimas conferências e fóruns mundiais, onde os países do Sul têm tido dificuldade em concordar em aspectos cruciais, de forma a dificultar um maior poder de barganha, além de colocar em xeque a credibilidade nas análises econômicas que os colocam como entidade singular, fruto de um só processo de desenvolvimento, já que possuem características tão diferentes.

¹⁹ (RODRÍGUEZ, 2006, p. 26-36).

CAMPOS, Gabriela I. R. V.. O desenvolvimento econômico em países em desenvolvimento: estruturalismo na América Latina. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, Ilhéus, n. 2, p. 55 – 65, nov. 2013.

É certo, entretanto, que o estruturalismo acrescenta relevantes considerações para a teoria econômica, mesmo com certos pontos menos consistentes, pois é uma expressão do pensamento latino-americano, bastante condizente com a realidade.

Atualmente, vive-se numa era transnacional, onde as relações econômicas são pulverizadas e as empresas multinacionais não mais atendem somente aos interesses de um só país, mas de seus acionistas. Apesar da industrialização pensada pelos estruturalistas ter se mostrado ineficiente e ultrapassada, muitos pontos da teoria ainda são de significativa relevância e dizem muito sobre o cenário econômico.

Por fim, conclui-se que o estruturalismo, como movimento independente dos intelectuais brasileiros, apresentou críticas à teoria clássica do liberalismo econômico, tendo contribuído para seu aperfeiçoamento, assim como para a mudança dos paradigmas e ideias econômicas existentes de maneira extremamente benéfica. A teoria se mostra atual e necessária para melhor compreensão do cenário econômico mundial.

REFERÊNCIAS

FURTADO, Celso. *A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GILPIN, Robert. *A economia política das relações internacionais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

_____, Robert. *O Desafio do Capitalismo Global*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LENIN, Vladimir. *Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. 1916. Edição online.

PREBISCH, Raúl. *El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas* in *Desarrollo Económico*, Vol. 26, No. 103, 1986 (479-502).

REGO, M.; MARQUES, R. M. (Org). *Economia Brasileira*. São Paulo: Saraiva, 2008.

RODRÍGUEZ, Octavio. *O estruturalismo latino-americano*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009.

RODRIG, Dani. *Depois do liberalismo, o que?* In. *Desenvolvimento em Debate-Desenvolvimento e Globalização. Perspectivas para as nações*. BNDES. Palestras 2002.



CAMPOS, Gabriela I. R. V.. O desenvolvimento econômico em países em desenvolvimento: estruturalismo na América Latina. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, Ilhéus, n. 2, p. 55 – 65, nov. 2013.

SANTOS, Theotonio. *A teoria da dependência: um balanço histórico e teórico*, 1997.

STRANGE, Susan. *The retreat of the State: the diffusion of power in the world economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.